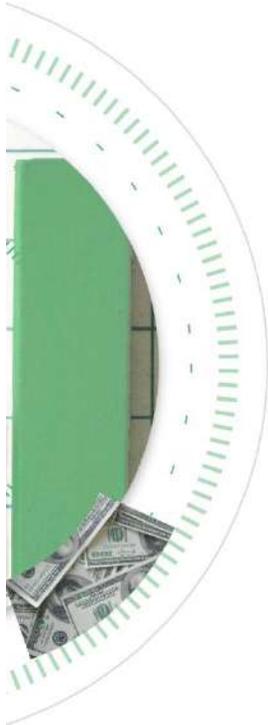


Comportamento Semanal de Mercado

27 de setembro a 4 de outubro



Baixo impacto



Reagindo ao conjunto de dados divulgados do mercado de trabalho e a manifestação de Jerome Powell - presidente do *Federal Reserve* (Fed) - acerca da trajetória da política monetária, a ferramenta *FedWatch* do CME Group apontava, em 04/10, 97,4% de probabilidade de um corte de -0,25 p.p. em novembro (65,3% em 30/09). Entretanto, a depender da evolução da conjuntura, as chances de manutenção dos *Fed Funds* entre 4,75% e 5,00% poderão aumentar. Apoiado por esse contexto, o dólar ganhou força na semana no mercado de câmbio internacional, com o *Dollar Index* subindo 2,13% no período.

No mercado financeiro doméstico, o impacto da elevação da classificação da nota de crédito do Brasil, de “Ba2” para “Ba1” com perspectiva positiva e a 1 passo de alcançar o grau de investimento, foi bem baixo. Ainda que com um desempenho melhor do que a média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana depreciando-se em 0,41%, com o dólar cotado a R\$ 5,46 e o prêmio do CDS de 5 anos reduziu-se em apenas -8,29 bps., para 145,63 pbs.

No Boletim Focus, a mediana das projeções para a taxa Selic indica altas de 0,50 p.p. em novembro e dezembro, e mais um ajuste de 0,25 p.p. em janeiro, alcançando 12,00% a.a. no fim do ciclo de aperto. No mercado de opções digitais da B3, a chance em 04/10 de uma alta de 0,50 p.p. em novembro na Selic era de 73,5%. Com a elevação nos prêmios da curva futura de juros e a redução na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 8,00% a.a., com uma alta de 0,16 p.p. na semana, entrando em patamar ainda mais contracionista quando comparado aos 4,75% a.a. considerado como neutro pelo Banco Central (BC).

Apesar do aumento dos prêmios de risco e da taxa real de juros, a projeção do IPCA de 2025 manteve-se em 3,97%, ao passo que a estimativa para 2026 prosseguiu em 3,60%. Ademais, no horizonte relevante para a política monetária, ou seja, 18 meses à frente, a expectativa aumentou de 3,83% a.a. para 3,89% a.a..

Na semana que se adentra, os números do IPCA de setembro e das pesquisas de varejo e serviços darão um panorama mais claro sobre o comportamento da economia no 3T23, podendo ajudar na avaliação do ritmo do ajuste monetário. Da mesma forma na agenda internacional, as atenções estarão voltadas à Ata do Fed e à inflação ao consumidor dos EUA.

Expectativas

A mediana das estimativas no Boletim Focus para o IPCA de setembro reduziu-se 0,50% em 27/09 para 0,47% em 04/10. A previsão para outubro subiu de 0,34% para 0,35% e a para novembro diminuiu de 0,21% para 0,20%. A piora das condições climáticas, com impactos nas contas de energia elétrica e nos alimentos, torna o cenário desafiador. Assim, a projeção do IPCA para 2024 subiu de 4,37% para 4,38% (4,30% há 4 semanas), aproximando-se ainda mais do teto da meta.

As estimativas para o IPCA de 2025 permaneceram em 3,97% (3,92% há 4 semanas), ao passo que para 2026 e 2027 continuaram, respectivamente, em 3,60% (3,60% há 4 semanas) e em 3,50% (3,50% há 4 semanas). Contudo, no horizonte relevante para a política monetária, ou seja, 18 meses à frente (fev/26), as expectativas no Focus aumentaram, na semana, de 3,83% a.a. para 3,89% a.a..

Os prêmios de risco na curva da inflação implícita, construída com base nos preços das NTN-Bs, apresentaram pequenas variações na semana: de +0,02 p.p. para 5,53% para o prazo de 1 ano; de +0,03 p.p. para 5,29% para o de 2 anos; e estabilidade em 5,29% para o de 3 anos.

Projetando elevações de 0,50 p.p. em novembro e em dezembro, as estimativas para a Selic continuaram em 11,75% a.a. ao final de 2024 (11,25% a.a. há 4 semanas). Na pesquisa mensal com as distribuições de frequência, o percentual de respondentes que esperavam que a Selic terminaria o ano entre 11,25% a.a. e 11,75% a.a. elevou-se significativamente, de 20,9% em 30/8 para 71,0% em 30/9.

Com mais uma alta de 0,25 p.p em janeiro, a taxa Selic alcançaria o pico de 12,00% a.a.. No Boletim, a retomada da flexibilização monetária seria iniciada apenas em setembro de 2025, levando a Selic a 10,75% a.a. ao fim do ano (10,25% a.a. há 4 semanas). Na mesma pesquisa de distribuição de frequência, o percentual de respondentes que acreditavam em um aperto monetário adicional, com a taxa entre 11,25% e 12,25% ao término de 2025, saltou de 11,0% para 23,2%. Para os anos de 2026 e 2027, as estimativas no Focus prosseguiram em 9,50% a.a. e 9,00% a.a., respectivamente.

Com a boa performance dos indicadores de alta frequência, as previsões para o crescimento do PIB ficaram em 3,00% para 2024, mesmo patamar observado na semana anterior (2,68% há 4 semanas). As distribuições de frequência mensais ratificaram esse cenário, com as estimativas do PIB entre 3,00% e 3,40% ampliando-se de 0,9% 30/8 para 49,1% em 30/9.

Para 2025, a estimativa para o PIB acelerou de 1,92% para 1,93% (1,90% há 4 semanas), enquanto para 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,00%.

No mercado de câmbio, houve poucas alterações nas estimativas, com as taxas ficando em R\$/US\$ 5,40 ao fim de 2024 e variando de R\$/US\$ 5,35 para R\$/US\$ 5,39 para 2025. Para 2026 e 2027 permaneceram em R\$/US\$ 5,30.

Na seara fiscal, as projeções pouco se modificaram no período. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 seguiu em -0,60% (-0,60% há 4 semanas), para 2025 em -0,73% (-0,75% há 4 semanas), para 2026 em -0,67% (-0,65 p.p. há 4 semanas) e para 2027 em -0,30% (-0,50% há 4 semanas). Já a dívida líquida do setor público, também em relação ao PIB, seguiu em 63,50% para 2024 (63,70% há 4 semanas) e em 66,50% para 2025 (66,45% há 4 semanas). Para 2026, aumentou de 69,23% para 69,27% do PIB (69,30% há 4 semanas) e para 2027, de 71,48% para 71,49% do PIB (71,50% do PIB há 4 semanas).

Inflação

Mediana das expectativas (% a.a.)

| | IPCA (%) | | |
|--------|--------------------|-------------|--------------|
| | Mediana - agregado | | |
| | 04/10/2024 | Últ. Semana | Há 4 semanas |
| set/24 | 0,47 | 0,50 | 0,36 |
| out/24 | 0,35 | 0,34 | 0,30 |
| nov/24 | 0,20 | 0,21 | 0,22 |
| 2024 | 4,38 | 4,37 | 4,30 |
| 2025 | 3,97 | 3,97 | 3,92 |
| 2026 | 3,60 | 3,60 | 3,60 |

Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Os números divulgados para o mercado de trabalho afastaram o cenário da formação de um processo recessivo nos EUA. Superando, em muito, as previsões dos analistas de mercado (140 mil pela LSEG), o payroll mostrou a criação de 254 mil empregos não agrícolas em setembro. Ademais, o número de jul/24 foi revisado de 89 mil para 144 mil e o de ago/24 de 142 mil para 159 mil. A geração de empregos continuou a crescer em serviços de alimentação e bebidas, saúde, governo, assistência social e construção. Em linha, a taxa de desocupação recuou de 4,2% em ago/24 para 4,1%. A renda média por hora trabalhada cresceu 0,4%, estável em relação a ago/24, mas acima dos 0,3% previstos. Por sua vez, a taxa de participação da população na força de trabalho seguiu em 62,7% pelo 3º mês consecutivo.

Corroborando o quadro, o relatório Jolts apresentou um aumento na abertura de vagas nos setores não-agrícolas, de 7,71 milhões em jul/24 para 8,04 milhões em agosto (7,63 milhões pela FactSet). O volume de contratações caiu do número revisado de 5,4 milhões em jul/24 para 5,3 milhões e as demissões de 5,3 milhões para 5,0 milhões. Já na pesquisa ADP, o setor privado abriu 143 mil postos em setembro, acima dos 103 mil empregos criados em ago/24 (125 mil pela FactSet).

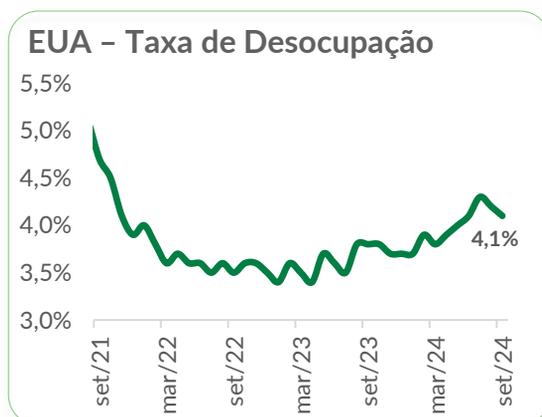
Em sentido contrário, os pedidos de auxílio-desemprego aumentaram marginalmente na semana passada, mas a passagem do furacão Helene pelo Sudeste do país e as greves na Boeing e nos portos podem ter impactado os números. As solicitações aumentaram em 6 mil para 225 mil na semana finda em 28/09 (220 mil pela Reuters).

Na margem, o índice de gerentes de compras (PMI) do setor industrial dos EUA do ISM permaneceu no campo de contração em 47,2 pts. em setembro. O resultado ficou levemente abaixo das expectativas (47,6 pela FactSet). O indicador de serviços, por sua vez, surpreendeu positivamente ao passar de 51,5 em ago/24 para 54,9 pts., bem acima dos esperados (51,8 pela FactSet). A mesma pesquisa apurada pelo S&P Global mostrou que o PMI industrial caiu de 47,9 em ago/24 para 47,3 pts.. Essa foi a 3ª piora mensal consecutiva e a mais acentuada desde jun/23, a despeito do resultado acima do previsto (47,0 pelo The Wall Street Journal). Já o PMI de serviços caiu de 55,7 registrados em ago/24 para 55,2 pts. em setembro, ficando abaixo do consenso (55,5 pelo The Wall Street Journal).

Reforçando a necessidade de implementação de medidas de estímulos, a atividade da China não mostra ímpeto. O PMI industrial oficial da NBS subiu de 49,1 pts. em ago/24 para 49,8 em setembro. Apesar de ser o nível mais alto desde abr/24, o indicador permaneceu pelo 5º mês consecutivo em terreno contracionista. Já o índice de atividade não industrial caiu para o menor nível em 21 meses, mostrando uma desaceleração dos setores de construção e serviços. No mesmo sentido, a pesquisa privada da Caixin apontou que o PMI industrial caiu de 50,4 em ago/24 para 49,3 em setembro, o menor patamar desde ago/23.

Na Zona do Euro, a taxa da inflação ao consumidor (CPI) desacelerou de 2,2% a.a. em ago/24 para 1,8% a.a. em setembro, situando-se abaixo da meta de 2,0% do Banco Central Europeu (BCE) pela 1ª vez desde jun/21. A atividade industrial da região atingiu o menor nível em 9 meses, mantendo-se no campo de contração. O PMI manufatura, medido pelo S&P Global, recuou para 45,0 pts., ligeiramente acima da estimativa preliminar de 44,8.

Dentre os subsetores, o índice de produção manufatureira recuou de 45,8 em ago/24 para 44,9 pts. em setembro. Embora o resultado represente uma ligeira melhora em relação à estimativa preliminar de 44,5 pts., sublinha os desafios enfrentados pelo setor. Ao mesmo tempo, o índice de preços de produção caiu de 51,1 de ago/24 para 49,2 pts.. Atingindo o menor nível em 7 meses, o PMI de serviços caiu de 52,9 em ago/24 para 51,4 pts., acima da preliminar e da previsão (50,5). O índice composto, que reúne dados do setor industrial e de serviços, recuou de 51 em ago/24 para 49,6 pts. em setembro, entrando na faixa contracionista pela primeira 1ª vez desde fev/24.



Fonte: Fred. Elaboração ABBC

Rating Soberano Brasileiro

Surpreendendo os analistas de mercado locais, a agência Moody's elevou a classificação da nota de crédito do Brasil de "Ba2" para "Ba1", com uma perspectiva positiva. Como consequência, o país ficou a 1 passo de alcançar o grau de investimento. A velocidade da mudança também chamou a atenção, dado que a revisão ocorreu após apenas 5 meses da perspectiva de a nota ter-se alterado para positiva. De acordo com a agência, a decisão refletiu algumas melhoras em métricas de crédito.

Como as principais justificativas, a agência pontuou: (i) a perspectiva de melhora nos resultados fiscais; e (ii) o crescimento da atividade econômica mais acentuado do que o esperado. Nesse sentido, reconheceu os impactos das implementações de reformas institucionais ao longo dos últimos anos e expectativa de novas medidas fiscais, que deverão dar apoio a uma moderação no crescimento das despesas.

Outro ponto destacado foi o perfil da dívida e a posição externa mais sólida em termos de vulnerabilidades. Ademais, ressaltou também as melhoras na implementação da política monetária, na governança de empresas estatais, no ambiente de negócio e a reforma trabalhista como fatores importantes que apresentaram evolução.

Contudo, assinalou as suas preocupações sobre se o orçamento de 2025 será condizente com o cumprimento da meta de resultado primário, com o persistente aumento dos gastos obrigatórios, que limita a capacidade de atuação do governo, sendo ainda um dos principais riscos para o rating brasileiro.

Embora a credibilidade com o arcabouço fiscal ainda seja moderada, a melhora observada ajudou a aumentar a credibilidade institucional e a reduzir os custos dos empréstimos, ainda que refletindo em um custo relativamente alto da dívida.

Porém, a agência enfatizou que o crescimento econômico, juntamente com as reformas econômicas e fiscais, ajuda na resiliência da dinâmica do crédito. Para este ano, projeta um crescimento de 2,5%, estimando um desempenho sólido para o médio prazo. Com relação ao déficit primário, a projeção para o fechamento de 2025 passou de -0,7% do PIB para -0,4% do PIB.

Rating de Longo Prazo - Brasil

| Grau de Investimento | | |
|-----------------------|---------------------|---------------------|
| Moody's | S&P | Fitch |
| Aaa | AAA | AAA |
| Aa1 | AA+ | AA+ |
| Aa2 | AA | AA |
| Aa3 | AA- | AA- |
| A1 | A+ | A+ |
| A2 | A | A |
| A3 | A- | A- |
| Baa1 | BBB+ | BBB+ |
| Baa2 | BBB | BBB |
| Baa3 | BBB- | BBB- |
| Grau Especulativo | | |
| Moody's | S&P | Fitch |
| Ba1 (positivo) | BB+ | BB+ |
| Ba2 | BB (estável) | BB (estável) |
| Ba3 | BB- | BB- |
| B1 | B+ | B+ |
| B2 | B | B |
| B3 | B- | B- |
| Caa1 | CCC+ | CCC+ |
| Caa2 | CCC+ | CCC+ |
| Caa3 | CCC- | CCC- |
| Ca | CC | CC |
| | C | C |
| | D | D |

Fonte: Moody's/S&P/Fitch Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

No início da semana, Jerome Powell afirmou, em um evento de entidade de classe, que se a economia evoluir como o esperado, ocorrerão 2 reduções de -0,25 p.p. na taxa básica de juros. Ao final do período, os números do mercado de trabalho nos EUA cancelaram as declarações do presidente do Fed, com o mercado financeiro recalibrando as apostas na trajetória da política monetária.

Na sexta-feira (04/10), a ferramenta FedWatch, do CME Group, apontava 97,4% de probabilidade de um corte de -0,25 p.p. em novembro (65,3% em 30/09). A depender da evolução da conjuntura, as chances de manutenção dos *Fed Funds* entre 4,75% e 5,00% poderão aumentar. Para o encerramento de 2024, 80,2% de possibilidade de que o indicador fique entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a. e de 17,7% na faixa entre 4,00% a.a. e 4,25% a.a.

Com isso, houve, na semana, altas nos retornos das *T-Notes*: 0,38 p.p. para 3,93% a.a. nas de 2 anos; 0,31 p.p. para 3,81% a.a. nas de 5; 0,23 p.p. para 3,98% a.a. nas de 10; e de 0,16 p.p. para 4,26% a.a. nas de 30 anos.

O sentimento acerca da resiliência da economia dos EUA sustentou os ganhos nas bolsas dos EUA, com altas de 0,22% no S&P 500, de 0,10% na Nasdaq e de 0,09% no Dow Jones. Refletindo o otimismo com a nova rodada de pacotes de estímulos à economia chinesa, a bolsa de Xangai subiu 8,06%. Impactadas pelas debilidades das economias e pelo efeito da escalada do conflito no Oriente Médio, foram verificadas quedas de -0,48% no FTSE 100, de -1,81% no DAX 40 e de -3,00% no Nikkei 225,

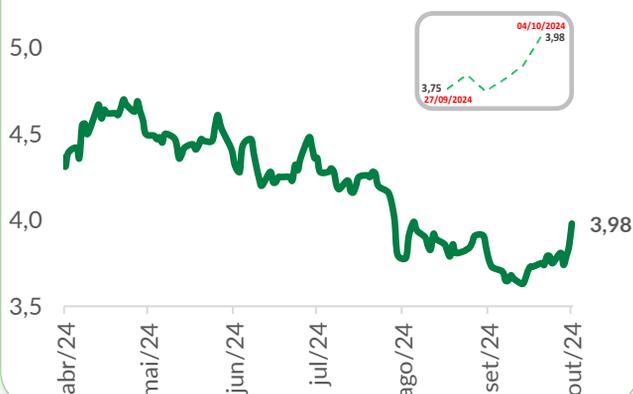
As tensões geopolíticas reverberaram no mercado de petróleo, dado que pode prejudicar o escoamento no estreito de Ormuz, responsável pelo tráfego de cerca de 15% da produção mundial. Assim, nem mesmo a decisão da Opec de reduzir a produção em 290 mil barris diários segurou a cotação, com o barril do tipo Brent fechando a semana em US\$ 78,05, com uma alta de 8,43% no período. Com a perspectiva favorável das medidas de estímulos na China, o minério de ferro negociado em Qingdao subiu 6,06%. Por sua vez, o preço da saca de soja em Chicago recuou -2,63% no período.

No ambiente interno, com a elevação do rating soberano pela Moody's, o prêmio de risco soberano medido pelo prêmio do CDS de 5 anos reduziu-se em -8,29 bps. na semana para 145,63 pbs.. Com os investidores esperando um aperto monetário mais intenso, o Ibovespa recuou -0,71%, voltando ao patamar dos 131 mil pontos, mesmo com o avanço nos preços das *commodities* metálicas e energéticas.

Bolsas Internacionais

| Bolsas | Em pts | Variação | | |
|------------|------------|----------|--------|----------|
| | 04/10/2024 | Semana | Mês | 12 meses |
| Bovespa | 131.792 | -0,71% | -3,17% | 16,34% |
| Nasdaq | 18.138 | 0,10% | 6,17% | 37,20% |
| S&P | 5.751 | 0,22% | 4,18% | 35,06% |
| Dow Jones | 42.353 | 0,09% | 3,36% | 27,88% |
| FTSE 100 | 8.281 | -0,48% | 0,13% | 11,13% |
| DAX 40 | 19.121 | -1,81% | 2,85% | 26,88% |
| Nikkei 225 | 38.636 | -3,00% | 4,29% | 24,33% |
| Xangai | 3.336 | 8,06% | 19,83% | 7,27% |

T-Note de 10 anos Rendimento em % a.a.



Câmbio

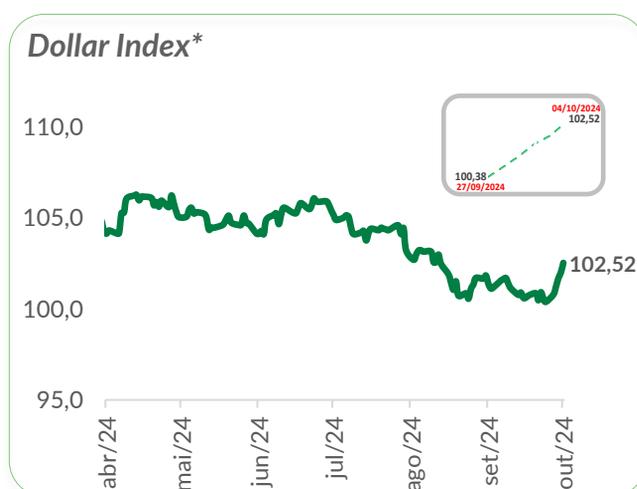
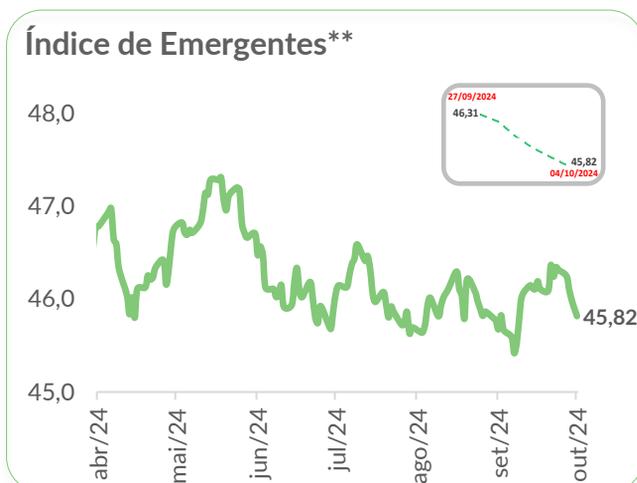
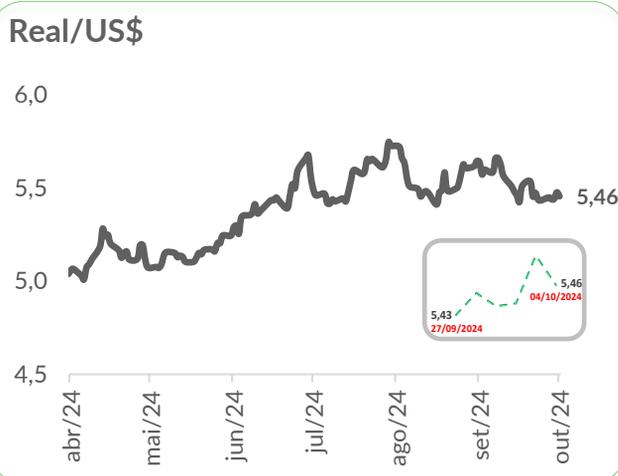
Apoiado pelos aumentos nos retornos das *T-Notes* e pela expectativa de que a convergência da inflação ocorra sem grandes prejuízos para a atividade, o dólar ganhou força na semana no mercado de câmbio internacional.

O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente a uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, subiu 2,13%, refletindo as depreciações de 4,56% no iene, de 1,92% na libra esterlina e de 1,71% no euro.

No mesmo sentido, apesar da valorização nos preços das *commodities*, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -1,07% no período, com destaques para as depreciações de 2,18% no rand sul-africano, de 0,49% no peso argentino e de 0,33% na rúpia indiana, além das apreciações de 2,07% no peso mexicano e de 0,20% no peso colombiano.

Com um desempenho melhor do que a média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana depreciando-se em 0,41%, com o dólar cotado a R\$ 5,46. Ainda na semana, o BC manteve sua atuação no câmbio, com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/11/2024.

Por fim, o fluxo cambial entre os dias 23 e 27/09/24 ficou negativo em US\$ -165 milhões, decorrente da saída líquida de US\$ -743 milhões na conta financeira (compras de US\$ 16,63 bilhões e vendas de US\$ 17,37 bilhões) e da entrada líquida de US\$ 578 milhões na conta comercial (US\$ 6,28 bilhões em importações e US\$ 6,85 bilhões em exportações).



*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Na semana, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) exibiu elevações nos prêmios de todos os vértices, com maior intensidade nos prazos mais curtos, refletindo a recalibragem das expectativas quanto à trajetória do ciclo de aperto monetário. Ainda que em menor grau, as taxas de juros da parte longa da curva também subiram, acompanhando o movimento do exterior.

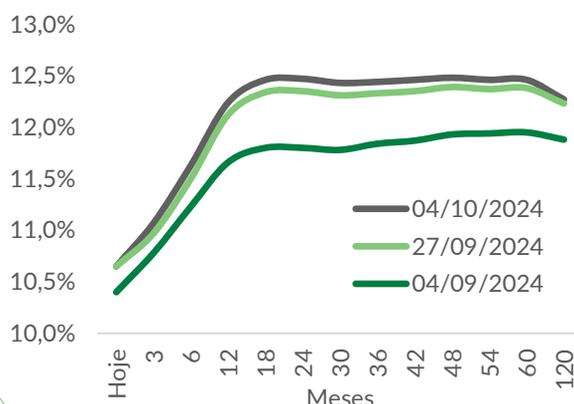
Na sexta-feira (04/10/24), o mercado de opções digitais do Copom da B3 apontava: 73,5% de chance de uma alta de 0,50 p.p. na meta Selic em novembro; 13,0% de uma alta de 0,25 p.p.; e de 9,5% de uma elevação de 0,75 p.p.. Para o encerramento de 2024, a probabilidade era de 63,9% para mais 1 alta de 0,50 p.p., com a Selic alcançando 11,75% a.a..

Assim, em relação ao fechamento da semana, a taxa de 6 meses subiu de 11,50% a.a. para 11,63% a.a., a de 1 ano saiu de 12,12% a.a. para 12,24% a.a., a de 2 anos de 12,35% a.a. para 12,47% a.a., a de 3 de 12,33% a.a. para 12,44% a.a., a de 4 de 12,39% a.a. para 12,48% a.a., a de 5 de 12,38% a.a. para 12,46% a.a. e a de 10 anos subiu de 12,23% a.a. para 12,27% a.a..

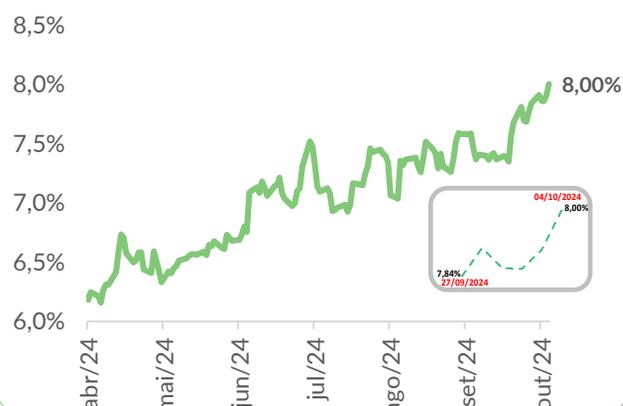
O aumento da taxa de 1 ano combinado com a redução de -0,04 p.p. na semana para 3,92% na inflação esperada para os próximos 12 meses, levou a taxa real de juros *ex-ante* fechar em 8,00% a.a., o que representou uma alta de 0,16 p.p. na semana, entrando em patamar ainda mais contracionista quando comparado com a taxa considerada neutra do BC, de 4,75% a.a..

Por fim, a medida de inclinação da curva calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,08 p.p. na semana para 0,03 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, recuou -0,13 p.p. no período para 0,04 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

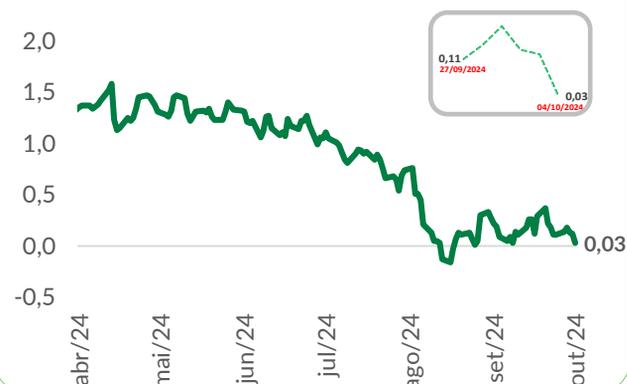


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-DI - Set/24

Superando os 0,12% registrado em ago/24, o IGP-DI apontou uma elevação acentuada de 1,03% em set/24, puxada, principalmente, pelos preços das commodities e energia. Com isso, o índice acumulou uma alta de 3,12% no ano e a taxa anualizada acelerou de 4,23% a.a. em ago/24 para 4,83% a.a. (-5,34% a.a. em set/23).

O IPA apresentou um crescimento de 1,20% na margem em setembro, ante 0,11% em ago/24. Esse movimento foi resultado da alta expressiva de commodities como soja, bovinos, leite e laranja. Na análise mensal por estágios, o aumento dos preços dos Bens Finais variou de 0,12% para 0,90%, dos Bens Intermediários de 0,61% para 0,62% e das Matérias-Primas Brutas de -0,47% para 2,19%.

O IPC passou de uma queda de -0,16% em ago/24 para uma alta de 0,63% em setembro, intensificada pela aceleração em energia elétrica, passagens aéreas, aluguéis residenciais, serviços bancários e cigarros. Entre suas classes de despesas, apresentaram aceleração: Habitação (-0,40% para 1,72%), Alimentação (-1,03% para 0,04%), Educação, Leitura e Recreação (-0,60% para 1,51%), Despesas Diversas (0,45% para 1,85%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,14% para 0,37%) e Comunicação (0,16% para 0,31%). Em contrapartida, o grupo Transportes (0,82% para -0,32%) e Vestuário (-0,04% para -0,09%) recuou no mês.

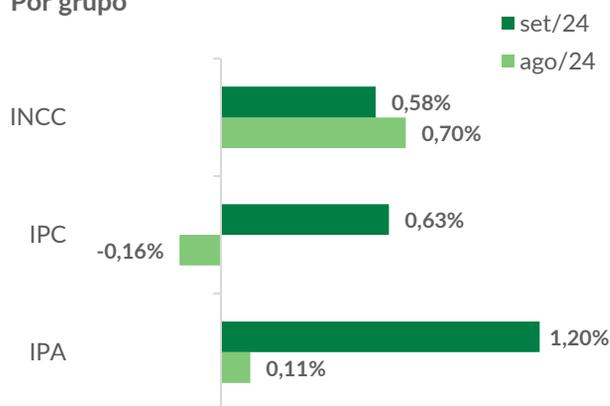
Já o INCC mostrou uma alta menos acentuada em setembro, variando de 0,70% em agosto para 0,58%. Entre seus 3 grupos componentes, temos as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (0,77% para 0,53%), Serviços (0,12% para 0,64%) e Mão de Obra (0,69% para 0,64%).

Por fim, considerando-se a taxa acumulada em 12 meses, o IPA variou de 4,11% a.a. em ago/24 para 4,82% a.a. em set/24 (-8,83% a.a. em set/23), o IPC passou de 4,18% a.a. para 4,55% a.a. (4,17% a.a. em set/23) e o INCC de 5,23% a.a. para 5,48% a.a. (3,49% a.a. em set/23).

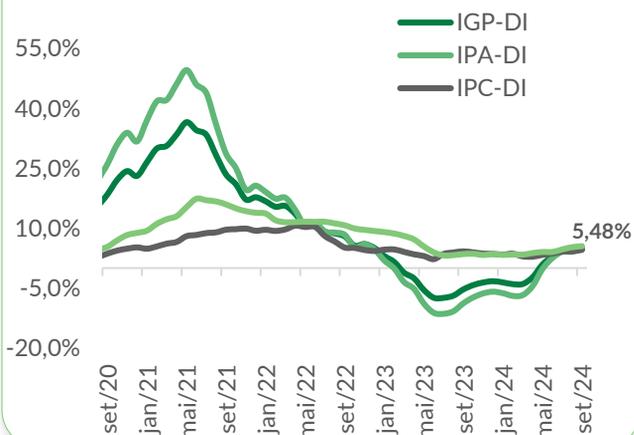
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Set/24

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o superávit da balança comercial aumentou de US\$ 4,52 bilhões em ago/24 para US\$ 5,37 bilhões em setembro. O resultado decorreu de US\$ 28,79 bilhões em exportações e US\$ 23,43 bilhões em importações.

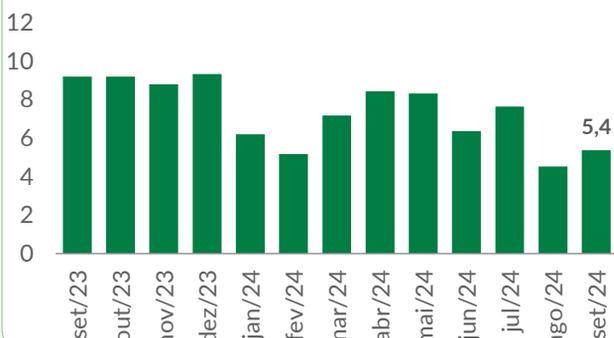
Em relação a set/23, quando a balança comercial registrou um superávit de US\$ 9,18 bilhões, houve uma redução de -41,59%. A queda foi impulsionada pela alta interanual de 19,94% nas importações, que vem ganhando força ao longo do ano com o aquecimento da atividade. Dentre os setores, houve alta nas compras externas de 45,88% na indústria extrativa, 18,90% na agropecuária e 18,54% na indústria de transformação (é isso? Sim)

Ainda perante igual período de 2023, as exportações apontaram leve alta de 0,26% a.a.. Dentre os setores, indústria extrativa apontou queda de -19,78%, agropecuária -12,09% e indústria de transformação cresceu 16,84%.

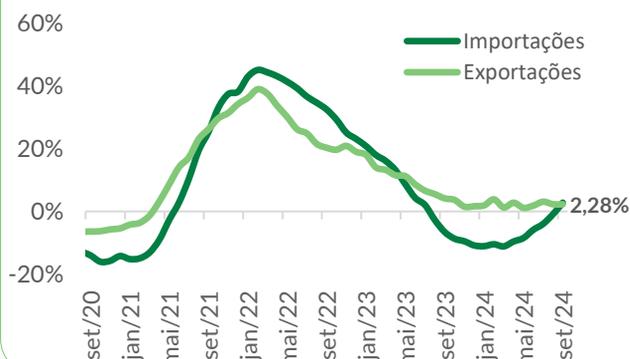
Considerando-se o acumulado em 12 meses, o saldo da balança comercial registrou superávit de US\$ 86,41 bilhões em setembro, alta de 0,81% em comparação com o mesmo período de 2023. No mesmo critério, as importações totalizaram US\$ 255,40 bilhões, com uma alta de 2,79% e as exportações US\$ 341,81 bilhões, com avanço de 2,28% a.a..

Por fim, a Secex reduziu a sua estimativa para o superávit comercial de 2024 de US\$ 79,2 bilhões para US\$ 70,4 bilhões. Em relação às exportações e importações, as estimativas foram revisadas de US\$ 345,4 bilhões para US\$ 335,7 bilhões e de US\$ 266,2 bilhões para US\$ 265,3 bilhões, respectivamente.

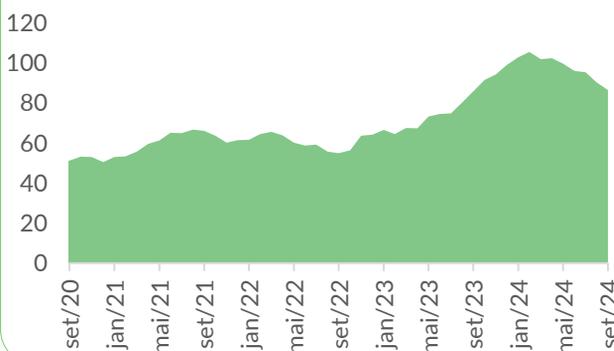
Saldo Mensal Em US\$ bilhões



Varição Anual Acumulado em 12 meses



Saldo Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: MDIC.. Elaboração ABBC

PEIC – Set/24

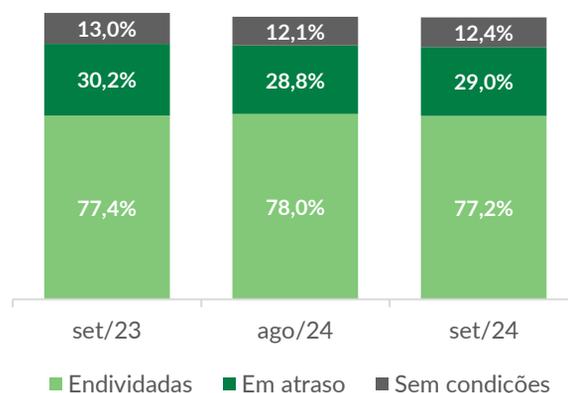
A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC apontou a 3ª queda consecutiva no total de famílias que se sentem endividadas, confirmando maior cautela com o crédito. Em setembro, o percentual de famílias que relataram dívidas a vencer diminuiu de 78,0% em ago/24 para 77,2% (77,4% em set/23).

Essa redução foi acompanhada pelo nível de endividamento, com o percentual de pessoas que se consideram “muito endividadas” reduzindo-se de 16,8% para 16,3%, menor nível desde dez/21. Já percentual dos que consideram “não ter dívidas desse tipo” avançou para 22,7%, maior nível desde nov/23.

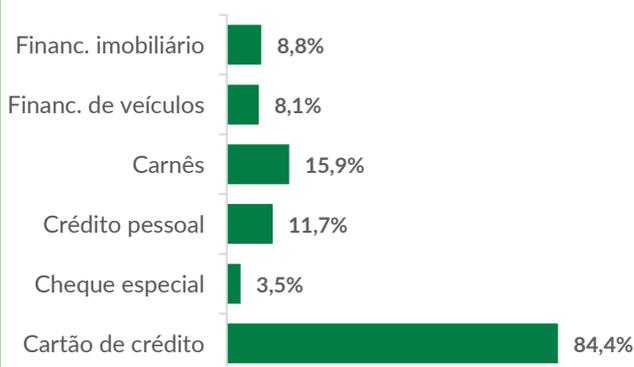
Dentre os tipos de dívidas, cartão de crédito continua com a maior participação no volume dos endividados, passando de 85,7% em ago/24 para 84,4% do total dos devedores (86,2% em set/23). Em seguida: carnês de 15,6% para 15,9% (17,0% em set/23); financiamento de casa de 8,9% para 8,8% (7,5% em set/23); e financiamento de veículos de 8,2% para 8,1% (7,7% em set/23).

Considerando-se as famílias com dívidas em atraso, houve aumento de 28,8% em ago/24 para 29,0% (30,2% em set/23). No mesmo sentido, o percentual das famílias que não terão condições para pagar as dívidas em atraso cresceu de 12,1% em ago/24 para 12,4% (13,0% em set/23). Por fim, a parcela média da renda comprometida apresentou um leve avanço

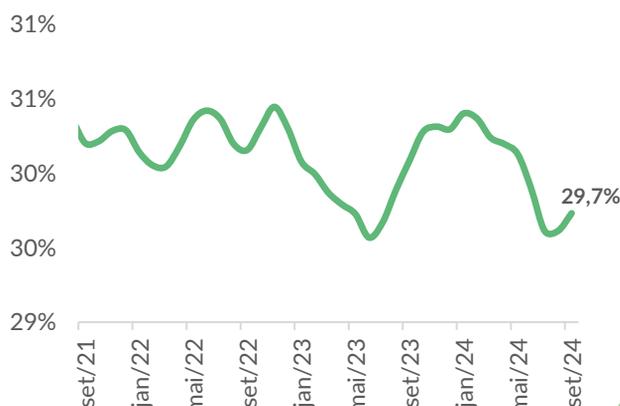
PEIC (%)



Tipo de Dívida % Total



Parcela da Renda Comprometida % dentro os endividados



Fonte: CNC..Elaboração ABBC

Caderneta de Poupança – Set/24

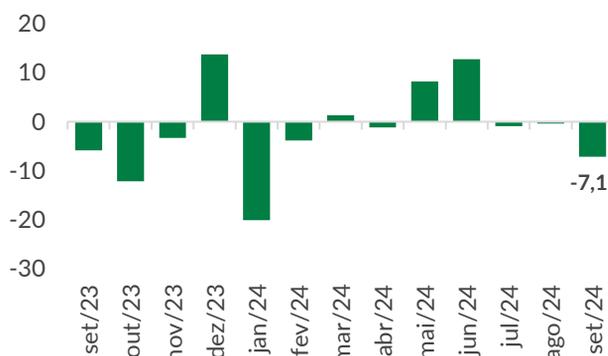
Com a retirada de R\$ 352,06 bilhões e o ingresso de R\$ 344,92 bilhões, a caderneta de poupança apresentou em setembro uma saída líquida de R\$ -7,14 bilhões, ante R\$ -398,0 milhões em ago/24.

Considerando-se o rendimento de R\$ 5,48 bilhões no mês, o saldo da poupança recuou de R\$ 1,021 trilhão em ago/24 para R\$ 1,019 trilhão, com uma queda de -0,16% a.m. e uma alta de 5,27% a.a.. Apesar da perda de força no mês, mantém-se acima do patamar de R\$ 1 trilhão pelo 4º mês consecutivo.

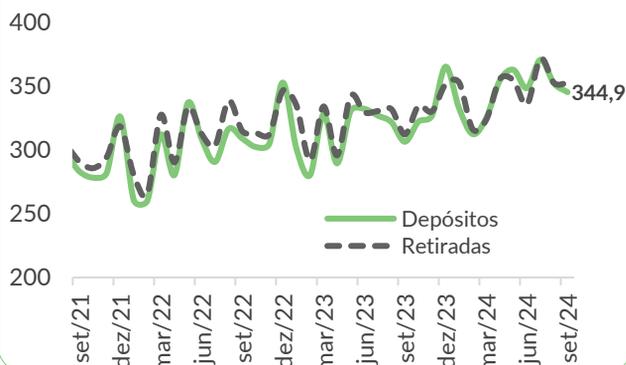
No acumulado do ano até setembro, houve um saque líquido de R\$ -11,24 bilhões no estoque, influenciado, principalmente, pela retirada de R\$ -20,15 bilhões em jan/24 e R\$ -7,14 bilhões em set/24. Considerando-se os últimos 12 meses, o saque líquido foi de R\$ -12,93 bilhões, pesando a menor rentabilidade da poupança em relação a outros investimentos e necessidade financeira da população.

Por fim, a remuneração da caderneta de poupança foi de 0,57% ao mês em setembro (7,03% a.a.), mesmo patamar dos últimos 2 meses. Atualmente, o rendimento é composto pela Taxa Referencial (TR) mais uma taxa fixa mensal de 0,50%.

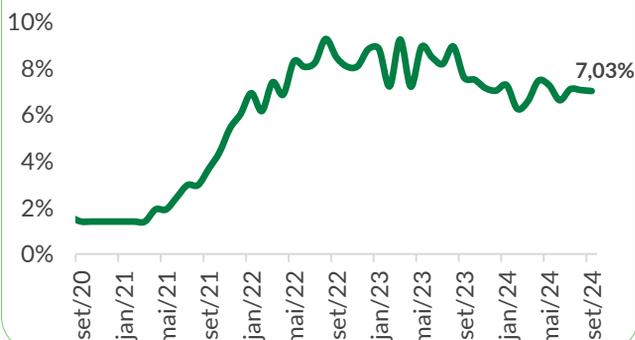
Captação Líquida (SBPE + Rural – R\$ bilhões)



Saldo da Poupança (SBPE + Rural – R\$ bilhões)



Rendimento da Poupança (1º dia do mês – em % a.a.)



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Ago/24

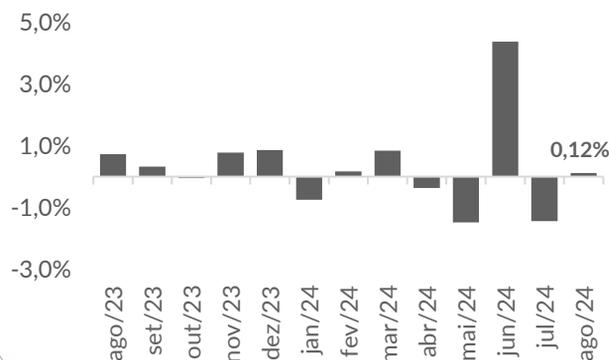
Após uma queda de -1,44% em jul/24, a produção física industrial avançou 0,12% em agosto, na série livre de influências sazonais, em linha com a mediana das projeções do Valor Data. No ano, o setor acumulou um crescimento de 3,04% em relação mesmo período de 2023. Situando-se 1,54% acima do patamar pré-pandemia (fev/20), o indicador encontra-se -15,39% aquém do ponto mais alto da série histórica (mai/11). Na comparação interanual, a produção avançou 2,24%, variação abaixo da esperada (2,3% no Valor Data).

Após uma alta de 0,69% no 2T24, os números deixaram um carregamento estatístico de 0,96% para o 3T24. No mês, 18 dos 25 ramos industriais mostraram queda na produção. Dentre as principais influências negativas destacaram-se: veículos automotores, reboques e carrocerias (-4,32%), produtos diversos (-16,65%) e impressão e reprodução de gravações (-25,14%). Em contrapartida: indústria extrativa (1,12%); farmoquímicos e farmacêuticos (3,58%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (4,03%); e produtos químicos (0,72%).

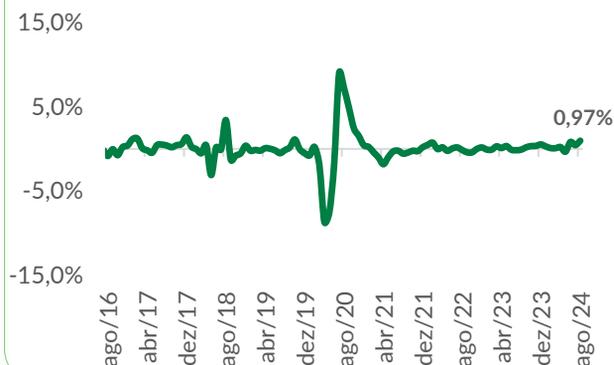
Dentre as grandes categorias econômicas, na margem, o item bens de consumo semi e não duráveis cresceu 0,45%, após uma queda de -3,15% em jul/24. O mesmo movimento foi observado em bens intermediários, com alta de 0,32%, após um recuo de -0,36% no mês anterior. Por sua vez, o grupo bens de capital reduziu-se em -3,99% e o de bens de consumo duráveis em -1,29%, com ambos interrompendo 2 meses consecutivos de crescimento, em que acumularam expansão de 2,76% e 13,69%, respectivamente.

Ainda na série com ajuste sazonal, a média móvel trimestral (MM3) para o total da indústria mostrou uma intensificação no ritmo de crescimento, passando de 0,44% em jul/24 para 0,97%. A variação anual da produção acumulada em 12 meses acelerou de 2,19% a.a. em jul/24 para 2,36% a.a. (-0,16% a.a. em ago/23).

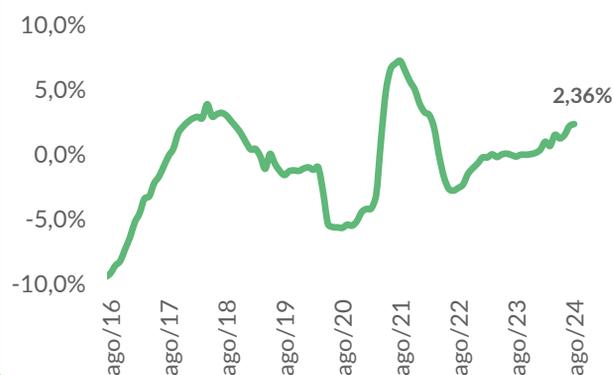
Varição Mensal Com ajuste sazonal



Média Móvel Trimestral Com ajuste sazonal



Varição Anual



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

| Indicadores | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | 2024E |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Atividade, Inflação e Juros | | | | | | | | | | |
| PIB Real (% a/a) | -3,55 | -3,28 | 1,32 | 1,78 | 1,2 | -3,9 | 4,6 | 2,9 | 2,9 | 3,2 |
| Crédito (% a/a) | 7,00 | -3,50 | -0,40 | 5,10 | 6,4 | 15,6 | 16,5 | 14,0 | 7,9 | 10,1 |
| Desocupação (% fim de período) | 9,10 | 12,20 | 11,90 | 11,70 | 11,1 | 14,2 | 11,1 | 7,9 | 7,4 | 6,9 |
| IPCA (% a/a, fim de período) | 10,67 | 6,29 | 2,95 | 3,75 | 4,3 | 4,5 | 10,1 | 5,8 | 4,6 | 4,3 |
| IGP-M (% a/a, fim de período) | 10,54 | 7,17 | -0,52 | 7,54 | 7,3 | 23,1 | 17,8 | 5,5 | -3,2 | 3,7 |
| Taxa Selic (% fim de período) | 14,25 | 13,75 | 7,00 | 6,50 | 4,50 | 2,00 | 9,25 | 13,75 | 11,75 | 11,75 |
| Setor Externo e Câmbio | | | | | | | | | | |
| Balança Comercial - (US\$ bi) | 13,7 | 40,2 | 56,0 | 46,6 | 35,2 | 50,4 | 61,4 | 61,8 | 98,6 | 81,0 |
| Conta Corrente (US\$ bi) | -54,8 | -24,5 | -22,0 | -51,5 | -65,0 | -24,5 | -28,1 | -56,0 | -28,6 | -39,0 |
| Investimento Direto no País (US\$ bi) | 64,7 | 74,3 | 68,9 | 78,2 | 69,2 | 37,8 | 53,3 | 90,6 | 61,9 | 70,0 |
| Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período) | 3,9 | 3,3 | 3,3 | 3,9 | 4,0 | 5,2 | 5,7 | 5,3 | 4,8 | 5,40 |
| Fiscal | | | | | | | | | | |
| Resultado Primário (% PIB) | -1,9 | -2,5 | -1,7 | -1,5 | -0,8 | -9,4 | 0,7 | 1,3 | -2,3 | -0,6 |
| Resultado Nominal (% PIB) | -10,2 | -9,0 | -7,8 | -7,0 | -5,8 | -13,6 | -4,4 | -4,7 | -8,9 | -7,5 |
| Dívida Líquida do Setor Público (% PIB) | 35,6 | 46,1 | 51,4 | 52,8 | 54,7 | 62,5 | 57,2 | 57,5 | 60,0 | 64,0 |
| Dívida Bruta do Setor Público (% PIB) | 65,5 | 69,8 | 73,7 | 75,3 | 74,4 | 88,6 | 80,3 | 73,4 | 74,3 | 78,0 |



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688